

C A M U S

**FACULDADE DE LETRAS
P O R T O
QUARTA-FEIRA, 17 DE MARÇO 2010**

Cumprimentos

Volvidos 50 anos sobre o desaparecimento do escritor Albert Camus, na perspectiva que é hoje a nossa, o que surpreende, é a actualidade da obra e a presença do homem. (Basta ter em linha de conta a quantidade de publicações e debates que esta data originou).

Obra e presença indissociáveis, pois mencionar uma é evocar a outra. Na verdade, completam-se como dois lados de um mesmo perfil porquanto sempre caminharam juntos, e, juntos, percorreram do mesmo passo o mesmo itinerário.

Tenho para mim que isto explica em grande parte a sedução que a obra e o homem ainda hoje exercem no imaginário dos leitores. E isto apesar da vertiginosa aceleração da História destes últimos 50 anos.

Qual a razão desta *permanência* de Camus? Da continuada audiência dos seus livros? Da projecção do seu nome que agora, por seu turno, as gerações mais jovens, tendem a descobrir.

Quem foi Albert Camus? Quem afinal recordamos, quando o recordamos?

O adolescente das praias da costa argelina que encontra no limiar da vida as razões de uma vida inteira, a saber, a alegria, o sol, o gosto de viver, a procura sensual da felicidade aliada ao sentido do transitório e da fugacidade do tempo – “a certeza consciente de uma morte sem esperança” - de que *Núpcias*, publicado aos 24 anos, ficará como o mais emblemático dos testemunhos, a um tempo angustiado e livre, luminoso e único?

O jovem comunista que entra no Partido levado por uma exigência de justiça, sendo dele expulso dois anos depois acusado de “devisionismo troskista”?

O autor do *Estrangeiro*, que criou – suprema originalidade - uma espécie de ausência de estilo que, em si, configura já um estilo diferente, segredo e magia dessa tão singular narrativa?

O ensaísta, criador de conceitos, como o *Absurdo* ou a *Revolta*?

O resistente, cujo nome de guerra era Albert Mathé, autor das belíssimas *Cartas a um Amigo Alemão*, que contêm já, à maneira de uma intuição fulgurante, toda uma ética de vida com a sua soma de certezas e repúdios?

O panfletário mergulhado nas querelas intelectuais que dominaram o seu tempo, esgrimindo contra Mauriac, contra André Breton, contra Gabriel Marcel, contra Sartre, contra Jean-Marie Domenach?

O inimigo das tiranias políticas, que lança com *O Homem Revoltado* um diagnóstico impiedoso da tentação totalitária e seus desvios ao mesmo tempo que um apelo à tolerância; ao sentido do relativo, à aceitação dos limites da vontade humana – herança do pensamento grego.

O jornalista de *Combat* que entre 1944 e 1947 foi das vozes mais acatadas do pós-guerra, empenhada num jornalismo de probidade e convicção? Seja dito de passagem, o jornalismo foi sempre uma das suas paixões. Basta lembrar que Camus redigiu mais de 150 artigos para o *Alger-Républicain* antes da guerra, tendo depois na década de 50 colaborado no semanário *Express*, que reunia na altura algumas das mais prestigiadas assinaturas.

A testemunha privilegiada do grande debate ideológico de então – a saber, a doutrina marxista e sua aplicação prática. Na senda de George Orwell, é a geração dos Koestlers, Manès Sperber, Malraux, Sartre, Raymond Aron?

O inconformista que entrou em dissidência contra a ideologia politicamente correcta do seu tempo, e que pagou caro por isso?

O dramaturgo de *Calígula* e dos *Justos*, que tão bem soube denunciar a demência do poder que tudo e todos corrompe? É de sublinhar que o teatro, e a experiência imensamente fecunda da cena teatral – “que eu amei com uma paixão sem igual” dirá ele, foram sempre uma das suas vocações, quiçá a primeira de todas elas. Sabe-se que Malraux, por quem Camus tinha grande admiração, sendo em 1960 Ministro da Cultura do general De Gaulle, se propunha entregar-lhe a direcção de um teatro.

O filho pobre do povo argelino dilacerado nos últimos anos de vida com o drama da Argélia – sua íntima guerra civil – que ele viveu dia-a-dia como uma crescente derrota pessoal, tendo-a levado em segredo consigo até ao fim?

O solitário que sempre caminhou sozinho mas que fez da solidariedade com os outros a sua razão de ser?

O libertário que apostou na liberdade e na exigência da verdade e delas nunca desmereceu?

Ou o escritor que pouco antes de morrer reconhecia que muito ficara por inventariar e escrever, reconhecendo mesmo que o essencial da sua obra mal fora ainda abordado? E que o seria finalmente com *O Primeiro Homem*, romance autobiográfico publicado já a título póstumo, onde Camus nos aparece, como que desenhado por ele próprio, à procura de si mesmo, retrato desse mundo de luz e pobreza que, de tão cedo e para sempre, o marcou de forma indelével.

Todas estas facetas, é óbvio, compõem à maneira de um sempre renovado caleidoscópio, um único perfil. Em perpétuo movimento, fugidío e incerto.

Fundamentar uma ética de acção, dar sentido à vida, mesmo na ausência de significação desta, legitimar as razões que nos devem levar a estar no mundo e a amar o mundo, a despeito da sua inanidade, são algumas das linhas visíveis que balizam o seu percurso. E, por isso, tão cativantes se revelam, tanto a construção da obra como as interrogações que enriquecem a caminhada do homem ao longo da sua vida.

Já o disse há pouco: existe entre ambas um fenómeno de osmose. Não só entre o autor e os seus livros, mas entre as obras entre si. Ele próprio o dirá:

“Nalguns escritores, parece-me que as suas obras compõem um todo em que cada uma delas ilumina as restantes, todas se reflectindo umas nas outras”.

Assim é, na verdade. Cada livro amplia o anterior, conferindo desde logo um raro encadeamento e unidade ao conjunto da obra.

De resto, a riqueza da trajectória intelectual de Albert Camus, o que define a singularidade da sua reflexão e a tão particular ressonância dos seus livros, é precisamente o de ter sabido responder, de forma múltipla, às múltiplas solicitações e exigências que o desafiaram, quer no domínio estético, social, histórico, quer no plano metafísico. Partindo de uma certa ideia

do homem, na tradicional acepção humanista do termo, criar é recriar pela arte uma transcendência num mundo dela destituído.

Não me quero alongar em demasia, pois sobre tudo isto muito haveria a acrescentar, e talvez o possamos fazer depois das nossas intervenções.

Direi apenas que para todos aqueles que conhecem a sua obra, e a apreciam pelo que ela oferece de pujante e de original, lê-la, relê-la, com ela conviver, como quem se entretém a conversar com um velho amigo ou folheia um antigo álbum de fotografias, onde tudo nos é familiar, as coisas, as situações, as pessoas, relê-la, dizia eu, é sempre uma aprendizagem gratificante.

Porque redescobrir Camus é caminhar ao encontro de uma das personalidades mais sedutoras do mundo intelectual do século passado. Que recusou o artifício, a impostura, a calúnia, a mentira. Camus sempre preferiu os homens politicamente comprometidos às obras ideologicamente comprometidas. Que repudiou a vertigem niilista de certas soluções políticas mais radicais, já que, aos seus olhos, a liberdade deverá contribuir para a nossa comum humanização e nunca para o seu contrário. Que apostou nas virtudes da confiança e da coragem – que nele, em última instância, correspondiam a uma forma de optimismo e de vontade de acreditar. Que se assumiu por inteiro com os seus temores e fraquezas, orgulhando-se sempre contudo da sua memória de homem livre! E das suas fidelidades que nunca desdenhou e de que nunca se esqueceu.

Em definitivo, para lá de tudo e a despeito do tempo decorrido, Camus permanece como o nosso contemporâneo mais vivo.

A concluir estas breves considerações, gostaria, se me permitem, de citar as linhas finais de um artigo que publiquei em 1990 no *Jornal de Letras*, intitulado: *Numa estrada, há trinta anos por uma manhã de Inverno...*

“Enraizado nos tumultos e convulsões da sua época, sem nela, contudo, se deixar aprisionar. Presente a todas as chamadas porque a deserção é sempre condenável, sem para tanto jamais se ausentar de um íntimo exílio, essa solidão não partilhável que é o nosso comum destino. Sem esquecer a criação, a liberdade, sem desmerecer tão-pouco do amor e da alegria. De olhos muito abertos. Sim, viver e morrer, homem entre os homens, no chão da

terra. Viver e morrer para reinventar a vida frente à morte e contra ela, madrasta de todos os absurdos. Viver e morrer, sol e noite do mundo que nos pertence, já que nada nos é dado e esse nada é tudo. Cruzamento de fronteiras. Fronteira da lucidez.

Recusando mitos e máscaras, a divinização de Deus e da História, Camus ficará como a expressão solitária de um momento alto da consciência europeia. No modo pessoalíssimo que era o seu. Onde a esperança e a coragem se equilibram e se redimem.”

Muito obrigado.

Marcello Duarte Mathias.

XXX